

**A CONCEPÇÃO DE MEMÓRIA EM NIETZSCHE COMO DISPOSITIVO
POLÍTICO NA DEMOCRATIZAÇÃO ANGOLANA: O MOVIMENTO DOS
15+2(DUAS)**

**THE CONCEPTION OF MEMORY IN NIETZSCHE AS A POLITICAL DEVICE IN
THE ANGOLAN DEMOCRATIZATION: THE 15+2 MOVEMENT**

Recebido em: 13/08/2025

Reenviado em: 12/11/2025

Aceito em: 15/11/2025

Publicado em: 19/01/2026

Oliveira Adão Miguel ¹ 

ISCED-Huíla – Angola

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

José Ricardo Rosa dos Santos ² 

Instituto Federal Baiano

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Carlos Alberto Garcia Luís Cardoso ³ 

ISCED-Huíla - Angola

Resumo: Este estudo tem como objetivo investigar a concepção de memória na obra de Friedrich Nietzsche (1844–1900) e sua aplicação como instrumento político no processo de democratização de Angola, com ênfase na atuação do movimento 15+2(duas). A pesquisa parte da seguinte questão: de que modo a filosofia nietzschiana — em especial sua concepção de memória e o conceito de transvaloração dos valores — pode lançar luz sobre a atuação do movimento 15+2(duas) enquanto agente de transformação social e política no contexto angolano? Para responder a essa indagação, analisa-se o movimento 15+2(duas), composto por jovens ativistas políticos e sociais que, em um momento decisivo da história recente de Angola, sob o governo de José Eduardo dos Santos, confrontaram a ordem autoritária vigente em busca de mudanças políticas, sociais e econômicas. A partir de uma perspectiva nietzschiana, as ações desses ativistas podem ser compreendidas como expressões simbólicas das figuras do “além-do-homem” (Übermensch) e das “três metamorfoses do espírito”, representações que desafiam a moralidade política dominante e promovem a transvaloração dos valores estabelecidos. O estudo busca compreender como os principais elementos do pensamento de Nietzsche — especialmente suas reflexões sobre memória, niilismo e vontade de potência — contribuem para a análise das práticas e discursos do movimento 15+2(duas) no cenário da democratização angolana. As fontes da pesquisa incluem obras fundamentais do filósofo, como *Assim falou Zaratustra* (2018) e *Para além do bem e do mal* (2005), além de documentos históricos, registros da atuação do movimento e produções acadêmicas nos campos da filosofia política e da história contemporânea de Angola. A metodologia adotada é hermenêutico-interpretativa e histórica, sustentada por uma abordagem transdisciplinar que articula filosofia, política e história. Nesse contexto, a memória é concebida não como mera rememoração do passado, mas como uma força ativa, capaz de moldar identidades, desafiar estruturas autoritárias e impulsionar transformações sociais e políticas. As lutas empreendidas pelos jovens do movimento 15+2(duas) revelam essa potência da memória como vetor de mudança e instrumento de emancipação, particularmente no cenário angolano.

¹ Doutor em Memória: Linguagem e Sociedade (UESB); graduado em História. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UESB; Professor efetivo do ISCED-Huíla-Angola. E-mail: oliveira.miguel@isced-huila.ed.ao

² Doutor em Ciências da Educação (UA-PY/Unirio); doutorando em Memória: Linguagem e Sociedade (UESB); mestre em Políticas Públicas; graduado em Filosofia e Ciências Sociais. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UESB; Professor efetivo do Instituto Federal Baiano. Brasil, Bahia, Vitória da Conquista. E-mail: ricardosaiifbaiano@gmail.com

³ Licenciado em Ciência da Educação pelo Instituto Superior de Ciências da Huíla, Opção: Filosofia; mestre em Teoria e Desenvolvimento Curricular pela Universidade Agostinho Neto. Membro Fundador da Brigada Jovem de Literatura de Angola. Professor efetivo do ISCED-Huíla-Angola. E-mail: 100071@isced-huila.ed.ao

Palavras-chave: Nihilismo; Memória; Democratização; Movimento Político.

Abstract: This study aims to investigate the conception of memory in the work of Friedrich Nietzsche (1844–1900) and its application as a political instrument in the democratization process of Angola, with emphasis on the role of the 15+2 Movement. The research is guided by the following question: in what ways can Nietzsche’s philosophy — particularly his conception of memory and the concept of transvaluation of values — shed light on the actions of the 15+2 Movement as an agent of social and political transformation in the Angolan context? To address this question, the study examines the 15+2 Movement, composed of young political and social activists who, during a decisive moment in Angola’s recent history under the government of José Eduardo dos Santos, confronted the prevailing authoritarian order in pursuit of political, social, and economic change. From a Nietzschean perspective, the actions of these activists can be understood as symbolic expressions of the *Übermensch* and the “three metamorphoses of the spirit,” representations that challenge the dominant political morality and promote the transvaluation of established values. The study seeks to understand how key elements of Nietzsche’s thought — especially his reflections on memory, nihilism, and the will to power — contribute to the analysis of the practices and discourses of the 15+2 Movement within the framework of Angolan democratization. Research sources include fundamental works by Nietzsche, such as *Thus spoke Zarathustra* (2018) and *Beyond good and evil* (2005), as well as historical documents, records of the movement’s actions, and academic works in the fields of political philosophy and contemporary Angolan history. The methodology adopted is hermeneutic-interpretive and historical, supported by a transdisciplinary approach that integrates philosophy, politics, and history. In this context, memory is conceived not as mere recollection of the past, but as an active force capable of shaping identities, challenging authoritarian structures, and driving social and political transformations. The struggles undertaken by the young members of the 15+2 Movement reveal this potential of memory as a vector of change and an instrument of emancipation, particularly in the Angolan scenario.

Keywords: Nihilism; Memory; Democratization; Political Movement.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo analisar a concepção de memória na obra de Friedrich Nietzsche (1844–1900) e sua aplicação como ferramenta política no processo de democratização de Angola, com foco na atuação do movimento 15+2(duas). O texto orienta-se pela seguinte questão central: como a filosofia de Nietzsche, especialmente sua concepção de memória e o conceito de transvaloração dos valores, pode iluminar a atuação do movimento 15+2(duas) como um agente de transformação social e política no contexto angolano?

A partir da hipótese de que a ação do movimento reflete concretamente conceitos nietzschianos, como as “três metamorfoses do espírito”, o “espírito livre” e o “além-do-homem” (*Übermensch*), o estudo propõe que, ao desafiar os valores estabelecidos pela ordem político-moral vigente em Angola, o movimento dos 15+2(duas) se configura como um catalisador de mudança em Angola. Essa transformação não se limita ao confronto com as estruturas autoritárias consolidadas, mas também envolve uma reavaliação crítica dos princípios democráticos e éticos consagrados na Constituição angolana, contribuindo para a construção de novas possibilidades de emancipação política e social.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em uma metodologia hermenêutico-interpretativa e de caráter histórico, que se revela transdisciplinar ao integrar filosofia, política e história. A análise baseia-se nas obras *Assim falou Zaratustra* (1883) e *Além*

do bem e do mal (1886), de Nietzsche, bem como em documentos historiográficos e registros contemporâneos sobre o movimento dos 15+2(duas).

Nietzsche, filósofo, filólogo e poeta do século XIX, é conhecido como o “filósofo do martelo” devido à sua crítica incisiva ao dogmatismo da tradição metafísica ocidental, à moral cristã — que ele considerava a moral dos fracos — e às estruturas de poder que sustentam narrativas hegemônicas. Sua obra constitui uma profunda genealogia dos valores modernos, propondo uma filosofia afirmativa da vida, marcada pela criação incessante de sentidos e pelo devir como condição fundamental da existência. No cerne de seu pensamento, encontram-se conceitos como a transvaloração de todos os valores, as três metamorfoses do espírito — camelo, leão e criança — e a superação do niilismo, entendido como o esgotamento de antigos referenciais de sentido. Esses elementos fornecem uma chave analítica poderosa para abordar os dilemas da democracia angolana contemporânea, especialmente no que diz respeito ao papel da memória na desconstrução das narrativas oficiais e na afirmação de novas possibilidades de existência coletiva.

Ao articular o pensamento de Nietzsche à realidade sociopolítica angolana, especialmente no caso do movimento dos 15+2(duas), este estudo busca demonstrar como a memória pode atuar como um dispositivo político potente, capaz de catalisar processos de ruptura e transformação político-social. O termo “15+2 (duas)”, citado no texto, refere-se a um grupo formado por 17 ativistas — 15 homens e 2 mulheres — ligados ao Movimento Revolucionário, conhecido como “Revú”, ativo desde 2011 e surgido paralelamente aos protestos da Primavera Árabe. Em junho de 2015, os integrantes desse grupo foram detidos e julgados de maneira arbitrária após se envolverem em protestos contra o governo autoritário de José Eduardo dos Santos, que governava Angola há mais de 32 anos. O caso ganhou ampla visibilidade na mídia, tanto nacional quanto internacional, tornando-se um marco na memória das lutas pacíficas contra o regime “Eduardista” (Miguel; Magalhães, 2023).

NIILISMO E TRANSVALORAÇÃO: AS METAMORFOSES DO ESPÍRITO NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE

O conceito de niilismo, derivado do latim *nihil*, que significa “nada”, é utilizado amplamente na filosofia para designar uma postura de ceticismo radical, descrença e pessimismo diante de valores ou verdades estabelecidas, sejam elas religiosas, morais, políticas, culturais ou sociais. Esse conceito pode ser entendido sob duas principais vertentes: a primeira, que reflete um desprezo pelo mundo sensível em favor de uma aspiração por um mundo ideal,

como é visto na tradição grega socrática; e a segunda, que manifesta uma atitude desesperançada, fundamentada na crença de que “nada vale a pena”. Esta última perspectiva, conforme Nietzsche, revela a falência dos valores cristãos, sem que um novo sistema valorativo tenha surgido em seu lugar. O resultado é um estado de desorientação generalizada, no qual nenhum valor parece mais capaz de oferecer orientação à humanidade (Nietzsche, 2018).

Nietzsche identifica quatro formas distintas de niilismo, cada uma com características e implicações próprias. O primeiro tipo, denominado niilismo negativo, está relacionado à decadência do homem ocidental e tem suas raízes no racionalismo socrático-platônico. Essa tradição filosófica propõe uma cisão entre o “mundo das ideias”, considerado superior, eterno e verdadeiro, e o “mundo sensível”, visto como ilusório e enganador. Essa dualidade frequentemente se articula com a doutrina cristã, que Nietzsche critica ao caracterizá-la como “platonismo para o povo” (Nietzsche, 2005). Sua crítica aponta para a forma como tanto o platonismo quanto o cristianismo promovem a negação da vida terrena, desvalorizando os instintos humanos em nome de um ideal transcendente.

O niilismo negativo não se configura apenas como uma crise de valores, mas como a perda de confiança do homem ocidental em sua própria capacidade de atribuir sentido à existência. Esta forma de niilismo denuncia a perpetuação de uma moral fundamentada na renúncia, na submissão e na negação da vida, sustentada pela promessa de salvação em um além-mundo. Trata-se de uma ruptura radical com os fundamentos metafísicos que historicamente sustentaram as crenças ocidentais.

Nietzsche examina a neurose religiosa, identificando-a como um fenômeno intimamente ligado a três práticas dietéticas potencialmente prejudiciais: solidão, jejum e abstinência sexual. Para Nietzsche, a religião é uma construção humana que, ao se aprofundar em uma busca espiritual por verdades universais, conduz o indivíduo a uma religiosidade intensa e a uma fé inabalável em um destino situado além da vida terrena. No entanto, valorizar aquilo cuja existência sequer é certa — em detrimento da própria vida — é, para Nietzsche, um equívoco inconcebível (Nietzsche, 2018).

Sob essa ótica, a morte adquire um caráter revoltante e absurdo. Nietzsche argumenta que o ser humano deseja uma virtude em consonância com uma ordem eterna, aspirando que seus valores e ações transcendam os limites da existência. Contudo, essa busca pela eternidade leva o indivíduo a um confronto angustiante com sua própria finitude, uma vez que a morte se impõe como a negação brutal da esperança por uma vida plena de sentido e propósito.

A crítica de Nietzsche nos convida a refletir sobre como essas práticas, frequentemente veneradas, podem estar na origem de uma visão distorcida tanto da religião quanto da vida. Ele propõe uma reavaliação profunda da relação entre fé, corpo e mente, desafiando-nos a questionar se a verdadeira virtude não reside justamente fora dos limites impostos por essas dietéticas prejudiciais.

O segundo tipo de niilismo, conhecido como niilismo reativo, surge após a proclamada “morte de Deus”. Nesse novo contexto filosófico, o ser humano assume a posição que antes pertencia a Deus e, ao invés de transcender o niilismo, acaba gerando um novo niilismo reativo. Sem uma fonte de significado transcendental, o indivíduo tenta preencher esse vazio com novas crenças e valores, que, no entanto, acabam sendo tão vazios quanto os anteriores. Um exemplo dessa dinâmica pode ser observado nas ideologias políticas extremistas, que, ao tentar oferecer respostas absolutas, frequentemente desmoronam sob o peso de sua própria falta de substância.

O terceiro tipo de niilismo, o niilismo passivo, tem como principal representante o filósofo Arthur Schopenhauer (1788–1860). Para ele, a vida é intrinsecamente marcada pelo sofrimento e não há garantia de um final feliz. Schopenhauer afirma que a existência é uma batalha incessante, na qual o desejo humano nunca é plenamente satisfeito. Em resposta a essa condição, ele propõe a troca da “vontade do nada” pela “vontade que é nada”, sugerindo que a única forma de mitigar o sofrimento humano é através da supressão do desejo. Essa ideia se reflete em sua defesa do ascetismo, em que a renúncia aos desejos mundanos é vista como um caminho para a paz interior. Um exemplo contemporâneo desse pensamento pode ser encontrado em práticas de meditação que visam ajudar os indivíduos a se desapegarem de suas vontades, alcançando serenidade.

Por fim, o niilismo ativo é considerado a forma mais elevada do niilismo. Nesse estágio, surgem indivíduos que se dedicam à destruição do próprio niilismo, agindo como o “leão”, que, segundo Nietzsche, dá origem à “criança”. Essa metáfora representa um novo começo, no qual a criança simboliza a criação de valores e significados autênticos, capazes de substituir o vazio deixado pelo niilismo. Assim, o niilismo ativo não se limita à negação, mas busca uma revalorização da vida e do mundo, incentivando a afirmação da existência através da criação de novos valores. Nietzsche, portanto, nos convida a ver no niilismo não apenas uma crise, mas uma oportunidade de renovação e transformação.

O niilismo se revela de maneira paralela às três metamorfoses do espírito descritas por Friedrich Nietzsche: o camelo, o leão e a criança. Cada uma dessas metamorfoses representa uma fase distinta na jornada do espírito em busca de autoconhecimento e liberdade.

O camelo, por exemplo, encarna a força e a resistência, mas se manifesta através da servidão. Esse ser submisso vive sob a opressão de ordens impostas por figuras autoritárias, confundindo sua própria força com submissão e temor. O camelo é guiado pelo medo das punições divinas que pode enfrentar ao infringir mandamentos. Essa figura simboliza a fuga desse mundo material e é, em essência, um instrumento daquilo que Nietzsche chama de “teologia do rebanho” (Nietzsche, 2005). Essa teologia é caracterizada pela conformidade e pela aceitação passiva de valores estabelecidos, limitando o potencial humano e sua busca por significado.

O leão, em contraste, representa uma fase de rebelião. Ele busca libertar-se dos antigos valores, iniciando um processo destrutivo que visa romper com as amarras do passado. No entanto, essa fase não é completamente libertadora, pois o leão ainda se encontra restrito pelos valores que busca derrubar. Sua liberdade é, assim, uma liberdade negativa, marcada pela negação e resistência, mas carece da capacidade de construir uma nova ordem ontológica. O leão luta, mas ainda não encontra os meios para criar algo.

Por fim, a criança simboliza a inocência e a criatividade, sendo considerada anárquica por natureza. Essa fase é fundamental, pois representa o surgimento de novos valores e modos de vida. Ao destruir os antigos valores, a criança é libertada para um processo contínuo de criação. Nietzsche destaca que, com a morte dos deuses e a desvalorização das verdades absolutas, cabe à criança o dever divino de criar e superar o homem (Nietzsche, 2018). Essa criação é um ato de liberdade plena, em que o espírito humano, livre de dogmas e limitações, pode expressar sua autenticidade e inovar em suas perspectivas e ações.

Mas digei-me, irmãos, o que pode fazer a criança, que nem o leão pôde fazer? Por que o leão rapace ainda tem de se tornar criança? Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim. (Nietzsche, 2018, p. 10).

O niilismo, dessa forma, reflete as batalhas internas do espírito humano, que oscila entre a submissão do camelo, a revolta do leão e a liberdade criativa da criança. Essa jornada filosófica nos convida a uma profunda reflexão sobre nosso papel no mundo e a urgência de superar as limitações impostas pelos valores tradicionais, em busca de uma existência mais autêntica e significativa. Assim, o niilismo não se configura como um fim, mas como uma etapa essencial no processo de autodescoberta e reinvenção, em que somos desafiados a questionar, destruir e, finalmente, criar significados e possibilidades para nossas vidas, por meio da transvaloração de todos os valores.

MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E REINVENÇÃO: UMA LEITURA NIETZSCHIANA DA LUTA DOS 15+2(DUAS) PELA DEMOCRATIZAÇÃO ANGOLANA

A concepção de memória em Friedrich Nietzsche é profundamente crítica da visão tradicional que a reduz à simples repetição ou conservação do passado. Para o filósofo, lembrar não é reviver, mas transfigurar: a memória não fixa, metamorfoseia. Como ele mesmo expressa poeticamente: “Na verdade, através de cem almas percorri o meu e de cem berços e dores de parto. Muitas vezes me despedi, desconheço as pungentes horas finais” (Nietzsche, 2018, p. 82); e ainda: “Eu me transformo depressa demais: meu hoje contraria meu ontem. Com frequência pulo degraus — isso nenhum degrau me perdoa” (Nietzsche, 2018, p. 41). A memória, nesse horizonte, não é um arquivo estático, mas uma força vital e criadora que se reinventa a cada instante.

Nietzsche (2005) propõe uma memória ativa, libertadora, que opera como potência afirmativa em meio ao devir. O passado, longe de ser uma prisão, deve servir como matéria-prima para a construção de futuros possíveis. Trata-se de uma memória da vontade, orientada para a criação e para a superação dos limites herdados. Em contraste, a memória dominada pelo ressentimento se torna reativa: conserva feridas, paralisa a vontade, converte sofrimento em culpa e resignação. O ressentimento, como expressão de uma moral decadente, retira do sujeito a capacidade de afirmar a vida, substituindo o trágico pela negação.

Nesse quadro, o sacerdote asceta — figura central na Genealogia da Moral — atua como agente de contenção. Sua função é dar sentido metafísico ao sofrimento, perpetuando uma ordem repressiva que anestesia o impulso vital (Giacioia Júnior, 2013; Nietzsche, 2005). Superar esse ciclo implica instaurar uma nova memória — afirmativa, ativa, criadora — capaz de libertar a imagem oculta na pedra, como evoca Nietzsche: “Na pedra dorme uma imagem... agora meu martelo investe furiosamente contra a sua prisão” (Nietzsche, 2005, p. 83). A memória, aqui, torna-se luta pela emergência do novo.

Essa leitura nietzschiana da memória adquire especial relevância ao ser transposta para o contexto angolano. Após conquistar sua independência em 1975, Angola mergulhou em uma guerra civil de 27 anos, que produziu traumas sociais profundos e cristalizou um modelo político autoritário. O fim oficial do conflito em 2002 não significou a democratização do Estado. Pelo contrário, a estrutura de poder permaneceu concentrada, marcada por clientelismo, desigualdade e repressão (Miguel, 2024). O passado, não elaborado, transformou-se em fardo, não em impulso criador.

Na década de 2010, especialmente após a Primavera Árabe, Angola viu emergir

movimentos de contestação que buscavam romper com esse legado. O protesto de 7 de março de 2011, conhecido como “toque da alvorada”, simbolizou o início de uma nova fase. Jovens ativistas, oriundos sobretudo dos musseques de Luanda, organizaram manifestações contra a corrupção e a perpetuação do poder. Desses protestos emergiu o Movimento dos Revús, cuja expressão mais conhecida é o grupo dos 15+2, detido em 2015 sob acusação de tentativa de golpe de estado (Dala, 2015; Miguel, Magalhães; Washington, 2024).

A atuação desses jovens revela uma nova consciência política que desafia os aparelhos ideológicos do Estado — religião, mídia, educação, sistema jurídico — como teorizado por Althusser (1965). O Estado angolano, ao longo de décadas, cultivou uma subjetividade subserviente, moldada pelo medo e pela obediência. Essa cultura da passividade, descrita por Albuquerque (2002), se traduz na figura nietzschiana do “camelo”: aquele que carrega os valores impostos, submete-se à tradição e teme o colapso da ordem estabelecida.

Em contraste, os 15+2 encarnam a figura do “leão”, que ruge contra os valores herdados e prepara o nascimento da “criança” — símbolo da criação de novos mundos. Nietzsche (2018, p. 64) afirma: “Destruidor da moral, assim me chamam os bons e justos: minha história é imoral”. Essa destruição não é niilista no sentido fraco e desesperado, mas sim no sentido ativo, que se recusa a aceitar a perpetuação da injustiça como destino. A memória reivindicada por esses jovens ativistas é, portanto, uma memória do porvir — aquela que transforma a dor histórica em motor de emancipação política angolana.

Nesse contexto, a ideologia dominante em Angola — marcada pelo autoritarismo do MPLA e pela sacralização do poder — funciona como uma forma de “platonismo para o povo” (Nietzsche, 2018), ou seja, um idealismo paralisante que nega a vida concreta em nome de um ideal inatingível. A religião, cooptada como instrumento de dominação, deixa de ser espaço de transcendência e se torna mecanismo de controle mental. A memória reativa é aqui politicamente funcional: ela garante a continuidade da ordem e sufoca a possibilidade do novo, ou seja, a emergência do verdadeiro estado de direito e democrático.

A insurgência dos 15+2(duas) representa, nesse sentido, uma ruptura ontológica: não apenas denunciam o presente, mas se lançam na tarefa de reinventar o horizonte de sentido da coletividade. São construtores de uma nova memória coletiva, que não cultiva ressentimentos nem idealiza o passado, mas aposta na criação de futuros possíveis. A sua luta, mesmo diante da repressão, não se esgota na denúncia — ela aponta para uma pedagogia da insubmissão, uma ética da coragem e um compromisso com a justiça.

A mobilização desses jovens contribuiu para enfraquecer o poder de José Eduardo dos

Santos, culminando em sua substituição por João Lourenço em 2017. Embora essa transição sinalize uma possível abertura, os fundamentos da desigualdade e da exclusão permanecem. O chamado dos 15+2 (duas) à adoção do amor fati — amor ao destino — não é resignação, mas convite à ação: aceitar a realidade como ponto de partida para sua transformação (Nietzsche, 2005).

A resistência do movimento dos 15+2(duas) não se limita a uma dimensão política, mas se estende ao âmbito ontológico e existencial. Ela expressa um modo de habitar o mundo que não apenas afirma a vida em suas contradições, mas também se recusa a ser reduzida à obediência. Esses jovens buscam superar a repressão e a coação, visando atingir a plena realização dos valores humanos, conforme destacado por Mondin (1983), para quem a liberdade e a autodeterminação são pilares da natureza humana. Assim, os membros do movimento não são apenas ativistas ou militantes engajados em uma causa política ligada a Angola; eles representam figuras trágicas no mais profundo sentido existencial. Ao confrontarem o absurdo da realidade em que vivem, eles ainda assim criam, resistem e lutam, desafiando as imposições que buscam limitar sua liberdade e humanidade.

Essa postura ressoa com a ideia nietzschiana de “memória ativa”, que não se limita ao simples lembrar, mas envolve uma dinâmica de recomeço e recriação. A memória ativa, para Nietzsche, está ligada a um processo contínuo de transformação, em que o passado não é apenas preservado, mas é constantemente reinterpretado e vivenciado no presente. Esse gesto de resistência se desvia de uma memória passiva ou de uma simples resposta à repressão. Em vez disso, ele se configura como um movimento de autossuperação, que dialoga diretamente com as ideias de Nietzsche sobre o eterno retorno e a vontade de potência. Para Nietzsche (2018), a memória ativa não apenas preserva, mas também desafia o presente, fornecendo as bases para a criação de novas formas de vida e ação.

No caso da juventude angolana, como camada social com características próprias, destaca-se a velocidade, a força e a busca constante por segurança e transformação. O jovem, movido por essas qualidades, possui uma propensão à ação — a urgência de resolver questões e transformar o mundo ao seu redor. Esse impulso natural, que Nietzsche (1999) também vê como parte da vontade de potência, é essencial para compreender a inquietação e as tensões que definem o movimento dos 15+2(duas). O jovem, então, não apenas se rebela contra as estruturas políticas autoritárias do presente, mas busca ativamente construir um futuro que reflita a multiplicidade de seus desejos e valores. Assim, sua resistência vai além da luta política imediata, configurando-se como um processo de criação e autossuperação, que reflete a busca

pela realização plena de sua humanidade.

CONCLUSÃO

A conclusão sobre o tema *A concepção de memória em Nietzsche como dispositivo político na democratização angolana: o caso do Movimento dos 15+2(duas)* deve sintetizar não apenas a trajetória histórica desse movimento, mas também sua contribuição vital para a transformação social e política em Angola. O surgimento do movimento dos 15+2, em 20 de junho de 2015, foi uma resposta direta à detenção de 17 defensores dos direitos humanos, que se reuniram para discutir o livro *Da Ditadura à Democracia*, de Gene Sharp. O objetivo dessa reunião era aprimorar métodos pacíficos de protesto para desafiar o regime de José Eduardo dos Santos, que governava há mais de 32 anos. Entre os ativistas destacados estavam Domingos da Cruz, Luaty Beirão e Manuel Nito Alves, cujas detenções e falsas acusações de planejar um golpe de Estado os transformaram em símbolos de resistência à opressão.

A analogia nietzscheana, que associa esses ativistas ao “leão” que destrói o “camelo”, ilustra a transição de uma moralidade subserviente para uma nova perspectiva de empoderamento e ação. Nesse contexto, esses jovens podem ser vistos como “super-homens”, que transcendem as normas convencionais de moralidade e buscam uma democratização profunda e significativa do país. Eles não se limitam às estruturas tradicionais do ser político e social, conforme enfatizado por Nietzsche (2018). O movimento do Grupo dos 15+2 não é um simples ato de contestação, mas uma manifestação de um desejo coletivo de reconfigurar a sociedade angolana em suas bases mais profundas.

A memória, tal como abordada nos escritos sobre o Grupo dos 15+2(duas), emerge como uma força vital para a aprendizagem e transformação. Ela permite que os indivíduos se libertem das amarras do passado e se reconfigurem conforme o novo contexto social. Essa capacidade de reconfiguração é crucial para escapar das armadilhas da má consciência e do ressentimento, conceitos chave na filosofia de Nietzsche. O Grupo dos 15+2, nesse sentido, simboliza uma via para a construção de uma sociedade que supera as heranças da opressão, representando a jornada do “camelo” ao “leão” e, finalmente, à “criança” — esta última figura simboliza a renovação, a esperança e a possibilidade de um futuro em que a moralidade não impõe subserviência, mas sim liberdade e dignidade.

A luta do movimento dos 15+2(duas) vai além de uma resistência política imediata; trata-se de um movimento que almeja uma transformação societal abrangente. Esse movimento propõe a emergência de novos valores e ideais capazes de construir um futuro mais justo e

equitativo para todos os angolanos. A incessante busca pela democratização e pela justiça social ressoa com a necessidade de superar os niilismos que permeiam a sociedade, como identificado por Nietzsche. Assim, fica claro que a luta pela liberdade é um processo contínuo que exige coragem, perseverança e um compromisso coletivo com a mudança. Ao refletir sobre o papel da memória na construção de um novo futuro, o movimento dos 15+2(duas) nos lembra que a transformação social não é apenas um objetivo, mas um imperativo ético que deve guiar a ação política em Angola.

REFERÊNCIAS

ALBURQUERQUE, Carlos. **Angola: a cultura do medo**. Lisboa: Livros do Brasil, 2002.

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1965.

DALA, Nuno Álvaro. O pensamento Político do jovem Revu. **Facebook**, 2015.

Disponível em:

https://web.facebook.com/watch/live/?v=860772691351389&ref=watch_permalink.

Acesso em: 06 jun. 2021.

GIACOIA JÚNIOR, Oswaldo. **Nietzsche: o humano como memória e como promessa**. Petrópolis: Vozes, 2013.

MIGUEL, Oliveira Adão; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. Os 15+2 e a memória educativa da redemocratização em Angola. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 23, p. 1-15, 2023. DOI: 10.20396/rho.v23i00.8674141. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8674141>. Acesso em: 31 dez. 2023.

MIGUEL, Oliveira Adão; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha; NASCIMENTO, Washington Santos. Dos “Revús” ao “Mudei”: movimentos ativistas e o processo de democratização em Angola (1990-2022). **Estudos Ibero-Americanos**, [S. l.], v. 50, n. 1, p. e45505, 2024. DOI: 10.15448/1980-864X.2024.1.45505. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/iberoamericana/article/view/45505>. Acesso em: 3 maio. 2025.

MIGUEL, Oliveira Adão. **A memória dos 15+2 (duas) e o processo de democratização angolana (2011-2022)**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Vitória da Conquista, 2024.

MONDIN, Battista. **Curso de Filosofia**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1983.

NIETZSCHE, Friedrich. **Para além do bem e do mal**. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2018.